

Será que eles vão gostar: implicações do gosto musical dos estudantes em uma experiência de Educação Musical

Robson da Silva Cardoso¹
UEFS
robsoncardosos@gmail.com

Resumo: O presente trabalho relata a experiência de três alunos do curso de Licenciatura em Música – UEFS, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID) em uma escola pública da cidade de Feira de Santana - Bahia. O objetivo do trabalho é discorrer sobre a relevância do gosto musical dos estudantes no planejamento e ações do professor em aulas de música a partir da experiência do Projeto Música Afro-brasileira: da Bossa Nova ao Pagode. É feita uma fundamentação teórica com autores da Educação e Educação Musical seguida da descrição das ações do projeto, que visaram superar as dificuldades colocadas pelo baixo conceito conferido pelos estudantes aos gêneros musicais escolhidos para as aulas. Problematizam-se os motivos do baixo conceito e a conduta dos bolsistas frente a essa situação. Por fim, são apresentados os resultados obtidos com o projeto e as considerações finais do autor, que apontam para um maior peso da relevância pedagógica em relação ao gosto dos estudantes na escolha de um tema a ser trabalhado.

Palavras chave: gosto musical, aula de música, PIBID.

Introdução

Sabe-se que os estudantes que têm a Educação Musical em suas escolas não são leigos em música: eles carregam anos de experiências em situações de apreciação, execução e criação musical. Essas e outras vivências constroem preferências musicais importantes a ponto de compor identidade do indivíduo. Diante dessa importância da música, emerge uma pergunta: qual deve ser a influência da preferência musical no planejamento de atividades para a Educação Musical?

A experiência relatada aqui foi realizada por três bolsistas orientados por uma professora supervisora e uma professora coordenadora do subprojeto Musicando a Escola do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID)² da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. As intervenções didáticas foram realizadas em uma turma do 1º

¹ Bolsista do subprojeto Musicando a Escola pertencente ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência financiado pela CAPES em parceria com a Universidade Estadual de Feira de Santana.

² Projeto financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

ano do Ensino Médio no Centro Integrado de Educação Assis Chateaubriand em Feira de Santana, Bahia.

O Projeto Cultura Afro-brasileira: da Bossa Nova ao Pagode, no qual foi inserida a experiência relatada aqui, foi realizado entre os meses de setembro e dezembro de 2013. As atividades realizadas foram planejadas em dois eixos: 1) a confecção e execução de músicas com instrumentos musicais produzidos com materiais reaproveitáveis; 2) a abordagem de gêneros musicais com influências africanas: Bossa Nova, Reggae, Samba-reggae, Axé e Pagode. Esses quatro últimos são reconhecidos como gêneros populares nas periferias da cidade.

O objetivo do projeto foi, junto com os estudantes, discutir as características históricas e musicais de cada gênero, ao permitir que eles se identificassem com os mesmos por meio da execução das músicas. Nesse processo, esperava-se ajudar os educandos a superar preconceito e permitir que eles pensassem sobre a influência da música na vida de cada um, além de trabalhar conteúdos musicais, tais como instrumentação, células rítmicas, entre outros.

O presente trabalho discorre sobre as ações dos envolvidos no intuito de alcançar os objetivos propostos em um contexto de possível rejeição aos gêneros musicais trabalhados. Por meio da pesquisa bibliográfica discute-se sobre a importância de valorizar o contexto musical dos alunos, bem como apresentar novos horizontes a serem contextualizados. O relato da experiência e a conclusão apresentam os caminhos encontrados pelos bolsistas durante a experiência para que a preferência musical dos alunos não se configure um limitador, mas sim uma ferramenta que viabilize o trabalho em Educação Musical.

Fundamentação Teórica

Há muito as discussões em Educação vêm buscando a superação do modelo conservador de ensino, que encara o professor como o centro do processo de aprendizagem. Os estudantes, dentro desse modelo, não são estimulados ou convidados a interferir ativamente no processo. Aqui não importa ao professor o que os seus educandos trazem como bagagem, seja ela constituída de experiências positivas ou negativas relacionadas ao objeto de conhecimento, tão pouco as impressões e sugestões dos educandos em relação ao processo de

ensino. Aos estudantes é reservado o papel de receber passivamente o conteúdo que vem do professor (LIMA; GRILLO, 2008, p. 24).

Esse modelo conservador vem sendo combatido e substituído, ao menos nas intenções teóricas, por um modelo emergente baseado no construtivismo. Esse modelo, amplamente discutido atualmente, coloca que tanto docente como discente devem ter importância igualmente ativa na busca de constituir uma relação com o objeto de conhecimento. As experiências e o contexto dos estudantes são aspectos norteadores para o planejamento e condução das aulas pelo professor. As intervenções dos educandos são bem vindas e necessárias para que aconteça a aprendizagem:

Para que se efetive a interação equilibrada entre esses três componentes [objeto do conhecimento, aluno e professor], há contribuição do aluno com suas ideias prévias e do professor, com sua capacidade para selecionar e organizar os conteúdos e atividades, de modo a promover a aproximação entre os conhecimentos prévios do aluno e o saber culturalmente organizado (COLL, 1996, apud LIMA e GRILLO, 2008, p. 27-28).

As produções atuais em Educação Musical baseiam-se nesta concepção de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, Del Ben afirma que “Ensinar música é mediar as relações das pessoas com a música, visando facilitar e promover aprendizagens musicais.” (DEL BEN, 2011, p. 25). No processo de ensino, o professor é quem assume o papel de mediador entre o educando e o objeto de conhecimento, que no caso é a música. Para que essa mediação aconteça é necessário que o professor conheça onde se encontram seus estudantes em relação ao que se almeja aprender. O estudante não é uma “tábula rasa”, mas possui conhecimentos conquistados por diversos processos, dentro e fora da escola (LIMA; GRILLO, 2008, p. 27). Ignorar o contexto musical destes sujeitos pode desencadear um efeito contrário do que é esperado, como nos alerta Loureiro:

Um outro fator que tem contribuído para o afastamento do aluno em relação às aulas de música diz respeito ao professor, ou à escola, que insiste em trabalhar com um repertório que está em desarmonia com a música que os alunos ouvem e apreciam fora da sala de aula. Não é mais possível ignorar que crianças e jovens estão em contato permanente com um tipo de música que, de maneira desenfreada e sem qualquer critério, é veiculado pela mídia, e que professores e a própria escola têm dificuldades em absorvê-lo no seu cotidiano. (LOUREIRO, 2004, p.69).

Muitos autores vêm chamando a atenção para o fato de que o contexto e o gosto dos estudantes devem ser considerados ao planejar e conduzir os processos de ensino e aprendizagem. Trazer a música que os educandos consomem, e por vezes produzem, para a sala de aula é uma ferramenta que auxilia as aprendizagens musicais. De início, essas músicas possuem significado para os educandos, o que ajuda na compreensão dos conteúdos musicais trabalhados.

Por outro lado, há também a necessidade de trazer para sala de aula novas músicas, ou mesmo músicas não tão novas, mas que se encontram fora do âmbito cultural dos educandos, para que a Educação Musical cumpra seu papel de contribuir para a “ampliação e/ou transformação do universo musical dos estudantes, a partir da descoberta e da incorporação de estéticas e experiências musicais variadas” (QUEIROZ, 2011, p. 20). Muito dessa necessidade latente e constantemente levada ao palco das discussões, não só entre educadores musicais, está no fenômeno da música de massa, ou música midiática, que nem sempre é aceita em sala de aula. Entende-se música midiática como um dos produtos da cultura midiática, assim definida por Moreira:

Cultura midiática tem a ver com determinada visão de mundo, com valores e comportamentos, com a absorção de padrões de gosto e de consumo, com a internalização de “imagens de felicidade” e promessas de realização para o ser humano, produzidas e disseminadas no capitalismo avançado por intermédio dos conglomerados empresariais da comunicação e do entretenimento, e principalmente por meio da publicidade. (MOREIRA, 2003, p.1208).

Maria José Subtil destaca o poder que da mídia em competir com a escola na formação das crianças, já que nela “há um caráter pedagógico que ensina os papéis sociais, carregados de significados postos pelos hábitos incorporados e constantemente atualizados, manifestos nas representações” (SUBTIL, 2005, p. 72). A partir dessa constatação, podemos inferir que o gosto musical dos estudantes é bastante influenciado pela produção midiática, e estes, naturalmente, reproduzem na escola aquilo que consomem de música, fazendo necessário uma ação intencional e organizada dentro do âmbito pedagógico para “romper com os mecanismos que fazem com que a escola simplesmente tome para si a postura de reafirmar a familiaridade musical dada a alguns por seu meio Sociocultural.” (LOUREIRO, 2004, p. 72).

Diante dessas discussões, emerge um paradoxo. De um lado a defesa do papel da Educação Musical em ampliar o repertório musical dos estudantes, ao possibilitar que estes conheçam músicas diferentes daquelas do seu cotidiano. Ao mesmo tempo, é constantemente realçada a importância de trabalhar em sala de aula músicas que os estudantes já conhecem e gostam como forma de valorizar e ressignificar aquilo que trazem como bagagem cultural. Além disso, questiona-se a respeito das músicas que fazem parte disso que é nomeado de música midiática e qual é sua inserção no universo musical dos educandos.

O pré-planejamento: *será que eles vão gostar?*

No início das intervenções foi feito um levantamento através de um questionário sobre os gêneros musicais que os educandos apreciavam. Menos da metade dos estudantes sinalizaram apreciar os gêneros que seriam trabalhados no projeto. Entre os gêneros musicais com maior conceito estavam o Rock e a música Pop norte-americana. Esse resultado gerou surpresa. Por se tratar de uma escola pública, que atende majoritariamente a jovens que moram em periferias, era esperada uma preferência maior nos gêneros que foram utilizados nas intervenções, principalmente o axé e o pagode, considerados como gêneros da música de massa com grande inserção nas periferias.

Esse fato leva a um questionamento sobre a escolha dos gêneros que compõem a chamada música midiática e a atribuição dessas músicas a um determinado segmento social. Por se tratar de uma escola pública de uma cidade do interior da Bahia atribuímos um tipo de música para aqueles sujeitos, antes mesmo de conhecê-los. Ou seja, fizemos uma inferência baseada em um preconceito que existia em relação àqueles estudantes. Felizmente fomos confrontados com a diversidade que, naquele momento, foi desconcertante, mas que possibilitou aos bolsistas envolvidos repensar suas atitudes como educadores.

Dos gêneros musicais trabalhados quatro (Reggae, Samba Reggae, Axé e Pagode) tiveram baixo conceito no levantamento prévio, e a Bossa Nova sequer foi citada. Sendo assim, por que trabalhar justamente os gêneros musicais menos apreciados pelos estudantes? Por serem populares nas periferias essas músicas fazem parte do contexto social no qual os estudantes estão inseridos - se não escutam por vontade própria, certamente o fazem por meio de um vizinho, parente ou amigo - e a rejeição a esses gêneros talvez configure um preconceito que deve ser discutido em sala de aula, já que os educandos terão que ouvir e

conviver com pessoas que ouvem esses gêneros musicais. Esses motivos legitimam a necessidade de trabalhar e problematizar a relação dos estudantes com essas músicas em sala de aula.

Relato de experiência

A primeira ação do Projeto Cultura Afro-brasileira: da Bossa Nova ao Pagode foi realizar a construção dos instrumentos com materiais alternativos. Foi um momento oportuno para trabalhar a consciência ambiental e o conceito de sustentabilidade com os estudantes e mostrar as inúmeras possibilidades sonoras que a música possibilita.

As intervenções eram preparadas por todos os bolsistas da escola junto com a professora supervisora. Para cada gênero era feita uma pesquisa com objetivo de fundamentar as atividades da aula que eram realizadas em dois momentos. O primeiro consistia na discussão sobre a história, as características principais e na apreciação crítica de músicas características do gênero trabalhado. Os estudantes eram estimulados a colocar suas impressões sobre as músicas, e durante a apreciação eram trabalhados aspectos básicos da teoria musical, como as propriedades do som e instrumentação. Esse momento era também aproveitado para problematizar a mensagem das músicas trabalhadas, o que propiciou ricas discussões acerca da influência da música nas ações e condutas de cada um, além de colocar em questão o preconceito para com alguns gêneros.

O segundo momento consistia na execução de uma música característica de cada gênero. Os estudantes usavam os instrumentos confeccionados por eles mesmos e eram acompanhados e orientados pelos bolsistas. Os ritmos eram passados por percepção auditiva e os estudantes eram livres para sugerir mudanças. Era perceptível o interesse e a empolgação da turma durante o projeto. A maioria dos estudantes participava ativamente das aulas, inclusive alguns educandos já considerados evadidos.

As ações do projeto tiveram sua culminância em uma apresentação na qual os estudantes, acompanhados pelos bolsistas, executaram as músicas ensaiadas durante as intervenções para toda a comunidade escolar do turno. Os estudantes estavam muito empolgados e a apresentação agradou ao público.

Resultados alcançados

A primeira reação dos bolsistas durante o planejamento e nas primeiras intervenções foi de preocupação em relação à receptividade dos estudantes aos temas propostos. Entretanto, o envolvimento dos educandos crescia a cada atividade, culminando em uma apresentação bem apreciada pela comunidade escolar.

Um dos fatores que ajudaram no envolvimento da turma foi a construção dos instrumentos com materiais alternativos. Com essa atividade os estudantes se sentiram colaborando ativamente com o processo logo no início das intervenções. Por meio dos instrumentos confeccionados eles puderam vivenciar experiências de execução musical e prática de conjunto, uma novidade prazerosa para muitos deles. Isso também possibilitou que os educandos vivenciassem na prática as características musicais dos gêneros discutidos, ao possibilitar uma aprendizagem efetiva daquilo que era discutido em sala de aula.

Outro resultado alcançado durante as intervenções por meio da construção e uso dos instrumentos foi a participação dos estudantes ao tocar as músicas. No levantamento, quatro dos gêneros do projeto não foram bem aceitos, fato que, a princípio, foi tido como um obstáculo para alcançar a motivação dos estudantes. Entretanto, foi exatamente o contrário que aconteceu, inclusive com o Pagode, gênero menos apreciado pela turma. A cada ensaio os estudantes se mostravam mais motivados, e a melhora ao tocar as músicas era perceptível.

Os educandos, ao tocar em conjunto as músicas propostas, músicas fazem parte do contexto social em que estão inseridos, as ressignificavam. Mesmo não apreciando essas músicas, durante os ensaios eles tinham a oportunidade de ter prazer em tocá-las. Nesse momento, além de entender de outra forma a música tocada, eles associavam (talvez pela primeira vez) alguma experiência positiva ao gênero musical trabalhado, ao contribuir para colocar em questão os preconceitos que eles poderiam ter desenvolvido.

Outro resultado positivo do projeto foi a aproximação de estudantes que já eram considerados evadidos do componente curricular. Como educadores musicais não podemos tratar a Música como uma alegoria no currículo da escola. Ela é uma parte importante da sociedade e possui conhecimentos que têm seu mérito de serem trabalhados na escola reconhecidos e regulamentados pela Lei 11.679/08. Entretanto, não se deve ignorar o papel da música como forma de linguagem que propicia prazer para aqueles que a praticam, e esse aspecto deve fazer parte do cotidiano da Educação Musical escolar. Graças ao prazer proporcionado pela execução das músicas com os instrumentos alternativos, estudantes

faltosos se tornaram assíduos nas aulas, dando um exemplo de como a Música (não mais do que qualquer outra disciplina) pode aproximar o educando da escola.

Sobre as discussões em torno das características e influências dos gêneros musicais houve bons resultados também, principalmente quando o gênero Pagode foi colocado em questão. De todos os gêneros trabalhados no projeto este é, sem dúvidas, o que provocou maior polarização, principalmente por conta do teor de suas letras. Na turma, encontravam-se tanto aqueles que repudiavam veemente o Pagode quanto aqueles que apreciavam e defendiam o gênero. Nossa intenção na discussão não era favorecer um grupo em detrimento do outro, mas problematizar os motivos pelos quais se gosta ou desgosta do gênero. A discussão foi profícua e foram discutidos temas transversais, a exemplo de gênero, classe social, violência e preconceito. Tudo isso a partir da música. Era perceptível como cada colocação afetava os estudantes, certamente fazendo-os pensar. Não era objetivo da atividade encerrar a discussão estabelecendo conceitos a serem seguidos, mas sim ajudar os educandos a pensar sobre o aspecto tão presente e tão relevante da vida cotidiana que é a música.

Considerações finais

No início do projeto, o gosto musical dos estudantes parecia um obstáculo ao trabalho, entretanto a abordagem usada permitiu superá-lo. Apesar de não apreciados pela maioria dos estudantes, havia uma relevância em trabalhar aqueles gêneros musicais em sala de aula. O que fizemos foi encontrar um meio de despertar o interesse dos educandos.

A partir dessa experiência conclui-se que o gosto musical dos estudantes não é e nem pode ser fator determinante na prática do professor de música. Claro que trazer a música consumida e produzida pelos estudantes é de muita importância, mas a principal questão está em como fazer com que qualquer música seja usada para aproximar os estudantes da Música, desencadeando processos de aprendizagens musicais. Mesmo o trabalho com músicas conhecidas e apreciadas pode não atingir esse objetivos, ser mal conduzido ou não receber a participação e o interesse dos educandos.

Ora, o fato de um assunto ou um tema não ser previamente bem visto ou bem conhecido pelos estudantes não pode descartar a possibilidade desse assunto ser trabalhado em sala de aula. O professor deve pensar em ajudar os seus educandos a irem além do senso comum, do que é previamente inculcado pela sociedade. Em algumas ocasiões, a relevância

de se trabalhar um tema deve ter mais importância que a predisposição dos estudantes em fazê-lo. Cabe ao educador criar estratégias, junto com os estudantes, para tornar este tema interessante e necessário.

SUBTIL (2005, p. 72) afirma que há um vazio na formação dos professores para utilizar a produção cultural veiculada pela mídia, utilização essa que se resume muitas vezes a ações meramente reprodutoras, sem movimentos de reflexão sobre aquilo que está posto. Acrescentaria a essa colocação a prática igualmente comum (e prejudicial) de colocar em sala de aula novos elementos sem a preocupação de contextualizá-los com a vida dos estudantes, não buscando “abordagens que permitam aproximar a escola e a vida, em que se ensine e se aprenda ‘pelas experiências proporcionadas, pelos problemas criados, pela ação desencadeada” (XAVIER, 2000, p. 11-12 apud DEL BEN, 2011, p. 26).

Deve buscar-se tanto usar contextos musicais já conhecidos como trazer o novo para ser apreciado e problematizado. Não podemos ignorar as preferências musicais dos estudantes nem tão pouco reduzir o trabalho àquilo que já lhes é comum, sem buscar alargar os horizontes musicais, sempre pautando o respeito ao que é diferente. Independente de qual abordagem utilizar deve-se ter claro que a escola não deve limitar-se a simplesmente reproduzir aquilo que é trazido pelos estudantes, ou mesmo jogar para eles coisas alheias, para as quais não se busca uma contextualização. O objetivo da Educação Musical deve ser sempre problematizar e ressignificar a música, seja ela trivial ou exótica, e nesse processo promover aprendizagens musicais e o combate ao preconceito.

Referências

DEL BEN, Luciana. Música nas escolas. In: *Educação Musical Escolar – salto para o Futuro*. Ano XXI, Boletim 08, jun 2011. p. 24-33.

LIMA, Valderez Marina do Rosário; GRILLO. Marlene Corroero. O fazer pedagógico e as concepções de conhecimento. In: LIMA, Valderez Marina do Rosário (Org.). *A gestão da aula universitária na PUCRS*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 21-32.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. A educação musical como prática educativa no cotidiano escolar. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 10, 2004. p. 65-74.

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 24, n.85, 2003. p.1203-1235.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Diversidade musical e o ensino musical. In: *Educação Musical Escolar – salto para o Futuro*. Ano XXI, Boletim 8, jun 2011. p 17-23.

SUBTIL, Maria José Dozza. Mídias, música e escola: práticas musicais e representações sociais de crianças de 9 a 11 anos. *Revista da Abem*, Porto Alegre. n. 13, 2005. p. 65-74.